

# A Idéia Russa: Problemas Básicos do Pensamento Russo do Século XIX e do Início do Século XX

*Nikolai Berdiáev\**

*Resumo:* O autor analisa problemas básicos da formação do pensamento russo enquanto fruto do encontro de duas civilizações: a ocidental e a oriental.

*Palavras-chave:* tipo nacional russo, Ocidente-Oriente, história russa.

Há grande dificuldade na definição do tipo nacional, ou seja, da individualidade de um povo. É impossível dar definições científicas rigorosas. Conhece-se o segredo de toda a individualidade apenas por meio do amor, sendo que nela há sempre algo que não se consegue compreender inteiramente, com a máxima profundidade. A mim interessa não tanto o que foi empiricamente a Rússia, mas o quanto o Criador pensou sobre ela: a imagem do povo russo concebida pela Sua razão, Sua idéia. Tiútchev disse: “Nem pela razão se compreende a Rússia, nem é possível julgá-la pelo juízo comum: Nela há uma particularidade; na Rússia podemos apenas crer”. Para conceber a Rússia, é necessário aceitar as virtudes teológicas da fé, da esperança e do amor. Empiricamente, muitas coisas repugnam na história da Rússia. Isso foi muito bem expresso na poesia do crente eslavófilo Khomiakóv

\* Nikolai Berdiáev (Kíev, Rússia, 1874—Clamar, França, 1948) é considerado um dos mais importantes filósofos russos do século XX, reconhecido internacionalmente. Suas principais obras foram traduzidas no mundo inteiro e estão traduzidas em mais de vinte idiomas. No início de sua carreira esteve ligado à filosofia marxista, mas dela se afastou para criar um sistema filosófico original, cujos princípios baseiam-se na liberdade individual, tendo sido fundador do chamado existencialismo religioso russo. Em 1922, junto a outros intelectuais importantes, foi expulso da URSS e passou a viver e a publicar seus textos no Ocidente. O texto aqui apresentado integra seu livro *A Idéia Russa*, publicado em língua russa na França, em 1946. Principais obras: *O Sentido da Criação* (1916); *A Visão de Mundo de Dostoiévski* (1924); *A Filosofia do Espírito Livre* (1927); *Origem e Sentido do Comunismo Russo* (1937).

sobre os pecados da Rússia. O povo russo é um povo polarizado em alto grau, prevalecendo sobretudo a coexistência de contradições<sup>1</sup>. É tanto possível ser fascinado por elas quanto deixar de sê-lo; do povo sempre se pode esperar o inesperado. Ele é capaz de inspirar, no máximo, grande amor ou grande ódio. Este é um povo que provoca inquietude nos povos do Ocidente. Toda a individualidade de um povo, como a individualidade de um homem, constitui um microcosmo e, por isso, encerra contradições, o que se sucede de diferentes formas. Quanto à polarização e contrariedade, o povo russo só pode ser comparado com o povo hebreu. E não é casual que haja nesses povos uma forte consciência messiânica. A contrariedade e a complexidade da alma russa talvez se encontrem e se aproximem na ação recíproca de duas correntes da história mundial – a do Oriente e a do Ocidente. O povo russo não é puramente europeu, nem puramente asiático. A Rússia é uma parte inteira do mundo, um grande Oriente-Occidente. Ela une dois mundos. E, na alma russa, lutam sempre dois princípios, o oriental e o ocidental.

Existe correspondência entre a alma russa e a imensidão, inabarcabilidade e infinitude da terra russa ou seja, entre a geografia física e a geografia da alma. Na alma do povo russo, há essa mesma imensidão, inabarcabilidade e tendência à infinitude, tal qual há na planície russa. Ao povo russo foi difícil dominar esses espaços grandiosos e dar-lhes forma. Nele, havia a grande força dos elementos vitais e uma correspondente fraqueza de forma. Não se tornou um povo de cultura, de modo geral, como certos povos da Europa Ocidental: é mais um povo de revelação e inspiração, desprovido de senso de medida e que facilmente cai em extremos. Nos povos da Europa Ocidental tudo é muito mais determinado e preciso, dividido em categorias e com finalidades. O mesmo já não ocorre com os russos, pois é um povo menos determinado, mais atento à infinitude e sem desejos de conhecer a distribuição em categorias. Na Rússia não houve limites sociais rígidos nem classes bem determinadas. A Rússia nunca foi, no sentido ocidental, um país aristocrático, como também não foi burguês. Dois princípios contraditórios estiveram na base da formação da alma russa: o elemento natural, pagão, dionisíaco e o ascetismo monástico ortodoxo. É possível descobrir características contraditórias no povo russo tais como: despotismo, hipertrofia do Estado e anarquismo, liberdade; crueldade, vocação para a violência e bondade, humanismo, docilidade; fé nos rituais e a busca da verdade; individualismo, consciência excessiva da personalidade e coletivismo impessoal; nacionalismo,

1. Tal idéia já foi expressada em um velho estudo intitulado “Alma da Rússia”, publicado no meu livro *Destino da Rússia* (Nota do Autor).

auto-elogio e universalismo, cosmopolitismo; religiosidade escatológico-messiânica, devoção exterior, busca de Deus e ateísmo militante; humildade e rudeza; escravidão e revolta. Mas o Estado russo jamais foi burguês. Na definição do caráter do povo russo e da sua vocação, é necessário fazer uma escolha escatológica, que visa o fim. Por isso, não é possível fugir também da escolha do século que mais caracterize a idéia russa e a vocação russa, que considero ser o século XIX, século do pensamento e da palavra e ao mesmo tempo, de divisão aguda. Ele é muito característico para a Rússia enquanto o século da libertação interior e de tensas buscas espirituais e sociais.

A descontinuidade é igualmente característica da história russa e, em contraposição à opinião dos eslavófilos, o que ela menos possui é organicidade. Na história russa, há já cinco períodos, que resultam em diferentes imagens: a Rússia de Kíev, a Rússia sob o jugo tártaro, a Rússia moscovita, a Rússia de Pedro e a Rússia soviética. E é possível que ainda haja uma nova Rússia. O desenvolvimento do país foi catastrófico. O período moscovita foi o pior da história russa, o mais sufocante, o mais asiático-tártaro e equivocadamente idealizado pelos eslavófilos amantes da liberdade. Melhores foram o kievano e o que se passou sob o domínio tártaro, particularmente para a igreja, e já, evidentemente, foi melhor e mais dualístico o período cismático de Peterburgo, no qual o gênio criativo do povo russo se revelou com mais força. A Rússia de Kíev não esteve fechada para o Ocidente, tendo sido mais receptiva e mais livre do que o reino moscovita, em cuja sufocante atmosfera fenecera até a santidade (foi o período com o menor número de santos). O significado particular do século XIX evidencia-se no fato de que, depois de longo obscurantismo, o povo russo, finalmente, expressou a si próprio com palavras e pensamentos e fez isso sob pesada atmosfera de ausência de liberdade. Falo da liberdade exterior, pois a interior foi sempre grande em nós. Como explicar essa longa ausência de ilustração na Rússia, em um povo muito talentoso e capaz de atingir uma cultura superior; como explicar esse atraso cultural até ao analfabetismo, essa ausência de relações orgânicas com as grandes culturas do passado? Dizia-se que a tradução da Escritura Sagrada, feita por Cirilo e Metódio, para o idioma eslavo fora prejudicial ao desenvolvimento da cultura intelectual russa, porque houve uma ruptura com o grego e o latim. O eslavo eclesiástico tornou-se o único idioma do clero, a única *intelligentsia* dessa época, que prescindia do grego e do latim. Não penso que com isso se pode explicar o atraso da ilustração russa, o obscurantismo e o silêncio da Rússia antes do período de Pedro. Pelas características da história russa, cumpre admitir que, durante longo tempo, pareceu que as forças do povo russo existiam em estado potencial, mas não na realidade. O povo russo era esmagado pelo grande dispêndio de forças

que as dimensões do país exigiam. O Estado fortalecia-se mas o povo definhava, diz Kliutchévski. Era necessário dominar todos os espaços russos e conservá-los. Os pensadores russos do século XIX, refletindo sobre o destino e a vocação da Rússia, freqüentemente indicavam que essa potencialidade e inexpressividade das forças do povo russo eram a garantia do seu grande futuro. Acreditavam que o povo russo finalmente daria sua palavra ao mundo e, então, descobriria a si próprio. Havia a opinião geral de que o jugo tártaro tivera influência fatal na história russa e a lançara mais para trás. A influência bizantina oprimia interiormente o pensamento russo e tornava-o tradicional e conservantista. O dinamismo extraordinário e explosivo do povo russo revelou-se culturalmente somente pelo contato com o Ocidente e depois da reforma de Pedro. Herzen dizia que o povo russo respondeu à reforma de Pedro com o surgimento de Púchkin. Nós acrescentamos: não somente de Púchkin, mas também dos próprios eslavófilos, de Dostoiévski, de Tolstói e dos que procuravam a verdade e o surgimento de um pensamento russo original.

A história do povo russo está dentre as mais sofridas já vistas: a luta contra a invasão dos tártaros e o seu domínio, a permanente hipertrofia do Estado, o totalitarismo do regime moscovita, tal época turbulenta, o cisma, o caráter violento da reforma de Pedro, a servidão, que foi a mais terrível chaga da vida russa, a perseguição da *intelligentsia*, a execução dos dezembristas, o severo regime do *junker* prussiano Nikolai I, o analfabetismo das massas, mantidas nas trevas do medo, a inevitabilidade da revolução para a solução dos conflitos e contradições e o seu caráter violento e sangüinário e, por fim, a mais terrível guerra da história da Humanidade. Com a Rússia de Kíev e com São Vladímír estão relacionados as *bylinys* e os *bogatyri*. Porém a cavalaria não se desenvolveu por questões espirituais da ortodoxia. No martírio de São Bóris e de São Gleb, não há heroísmo e prevalece a idéia de martírio. A façanha da teoria da não-violência é russa. Humildade e opressão são traços russos. Também é característica da religiosidade russa a alienação religiosa – a aceitação do insulto das pessoas, a ridicularização do mundo, o desafio ao mundo. É característico disso o desaparecimento dos santos príncipes, depois da transferência do pecaminoso poder para os grandes príncipes moscovitas. E não por casualidade houve o empobrecimento geral da santidade no reino moscovita. A auto-imolação como façanha religiosa é um fenômeno nacional russo quase desconhecido por outros povos. Aquilo que se chamou entre nós “dupla fé”, isto é, a unificação da fé ortodoxa com a mitologia pagã e com a poesia popular, explica muitas contradições do povo russo. No seu caráter conservou-se e conserva-se até hoje o elemento dionisíaco, extático. Um polonês disse-me no auge da revolução russa: “Dioniso

passou pela terra russa”. Com esse tema está relacionada a grande força da música de coro russa assim como da dança. Os russos são inclinados à orgia com danças de roda. Também vemos, nas seitas místicas populares, a flagelação. É conhecida a tendência do povo russo aos excessos e à anarquia com perda da disciplina. Ele não foi apenas submetido ao poder, o qual recebeu bênção religiosa, mas ele também gerou, do seu cerne, Stienka Rázin, cantado nas canções populares, e também Pugatchov. Russos peregrinos (*beguni* ou *straniki*) e foras-da-lei. Russos peregrinos, buscadores da verdade de Deus. Peregrinos que se recusam a se submeter ao poder. O caminho da terra representa para os russos o caminho da fuga e da peregrinação. A Rússia sempre esteve repleta de seitas místico-proféticas. E nelas sempre esteve presente a sede de transformação da vida. Isso ocorre na terrível seita dionisíaca dos flagelos. Na poesia espiritual, houve uma alta valorização da mendicância e da pobreza. Seu tema predileto: o sofrimento sem culpa. Na poesia espiritual, há grande percepção da injustiça social. Ocorre uma luta entre a verdade e a falsidade. Entretanto, nela se sente o pessimismo do povo. Na compreensão popular da salvação, a esmola tem significação fundamental. No povo russo, é muito forte a religião da terra, colocada em uma camada profunda da alma russa. A terra é a última defesa. A categoria básica é a maternidade. Nossa Senhora, mãe de Deus, vai à frente da trindade e praticamente se identifica com ela. O povo sentiu mais a proximidade da Nossa Senhora Protetora do que a de Cristo. Cristo, o czar celestial, tem a sua imagem terrena pouco manifesta. Só a mãe-terra obtém encarnação em pessoa. Sempre referindo-se ao espírito santo, G. Fedótov sublinha que, segundo a poesia espiritual, não é suficiente a fé no Cristo redentor; Cristo permanece o juiz, ou seja, é como se o povo não visse a *kenosis* de Cristo. O próprio povo aceita o sofrimento, como se acreditasse pouco na misericórdia de Cristo. Fedótov explica essa influência fatal do cristianismo, que deformou a imagem de Cristo no povo russo. E este deseja esconder-se do terrível Deus, José de Vólotskoi, atrás da mãe-terra, atrás de Nossa Senhora Mãe de Deus. A imagem de Cristo e a de Deus foram dominadas pela imagem do poder terreno e representam-se em analogia a ele. Ao mesmo tempo, na religiosidade russa sempre foi forte o elemento escatológico. Se, por um lado, a religiosidade popular vinculava o divino ao natural, por outro, apócrifos e livros, que tiveram grande influência, falavam da vinda futura do Messias. Esses distintos princípios da religiosidade russa vão manifestar-se também no pensamento do século XX.

José de Vólotskoi e Nil de Sórski constituem imagens simbólicas na história do cristianismo russo. O seu conflito está relacionado com a propriedade dos mosteiros. José de Vólotskoi era defensor da propriedade dos mosteiros; Nil de Sórski

condenava a cobiça. Mas a diferença entre eles é muito mais profunda. José de Vólotskoi era representante da ortodoxia estatal, que fundamentava e sagrava o Estado moscovita estatal e ortodoxo e, depois, viria a ser ortodoxia imperial. Era partidário de um cristianismo severo, quase sádico, que amava o poder, e era defensor da perseguição e execução dos hereges e inimigo de qualquer liberdade. Nil de Sórski era partidário de uma compreensão mais espiritual e mística do cristianismo, defendia a liberdade segundo o entendimento daquele tempo, não vinculava o cristianismo ao poder e era contra a perseguição e a tortura dos hereges. Nil de Sórski é precursor da corrente amante da liberdade da *intelligentsia* russa. José de Vólotskoi foi uma figura *fatal* não apenas da história da ortodoxia, mas também da história do Estado russo. Tentaram canonizá-lo, mas na consciência do povo russo ele não se conservou como figura santa. Junto com Ivan, o Terrível, deve ser considerado um dos fundadores do absolutismo russo. Aqui nós tocamos na duplicidade da consciência messiânica russa e em seu principal malogro. Depois do povo hebreu, a idéia messiânica é mais própria do povo russo e perpassa toda a história russa, até ao comunismo. Para a história da consciência messiânica russa, tem grande importância a idéia da sabedoria histórica do monge Filoteu sobre Moscou enquanto a terceira Roma. Após a queda do império ortodoxo bizantino, o império russo ficou a ser o único império ortodoxo. O czar russo, diz Filoteu, “é o único imperador cristão sob os céus”. “O trono da igreja universal e apostólica teve como representante das igrejas a santíssima Nossa Senhora Mãe de Deus na abençoada cidade de Moscou, brilhando com a igreja romana e a de Constantinopla, rivalizando em brilho com ambas, e sendo, além disso, mais que a única em todo o universo sob o Sol que continuava a brilhar”. Os moscovitas consideravam-se um povo eleito. Alguns, como P. Miliukov, apontam a influência eslavo-búlgara na ideologia moscovita da terceira Roma. Mas, ainda que se aceite a origem búlgara da idéia do monge Filoteu, isso não altera a significação dessa idéia para o destino do povo russo. Em que consistia a duplicidade da idéia de Moscou como terceira Roma? A missão da Rússia é ser a portadora e conservadora do verdadeiro cristianismo, da ortodoxia. Isso é vocação religiosa. Os russos definem-se como ortodoxos. A Rússia era o único império ortodoxo e, nesse sentido, império universal, semelhante à primeira e à segunda Roma. Nesse solo, ocorreu uma aguda nacionalização da igreja ortodoxa. A ortodoxia revelou-se a fé russa. Na poesia espiritual, a Rússia universal, o czar russo, rei dos reis, e Jerusalém são também a Rússia, a Rússia onde está a verdade. A vocação religiosa russa, vocação extraordinária, relaciona-se com a força e a grandeza do Estado russo, com a extraordinária significação do imperador russo. A ten-

tação imperialista entra na consciência messiânica. É a mesma duplicidade que havia no antigo messianismo hebreu. Os imperadores moscovitas julgavam-se sucessores dos imperadores bizantinos. Reconduziam a sucessão até César Augusto. Ríurik considerava-se sucessor de Prust, irmão de César, fundador da Prússia.

Ivan, o Terrível, considerando a si próprio descendente de Prust, gostava de se chamar de alemão. A coroa do czar foi transferida para a Rússia. A sucessão ia ainda mais adiante, até Nabucodonosor. Existe uma lenda sobre o envio das regalias do czar a Vladímir Momomakh pelo imperador grego Monomarco. As regalias da Babilônia foram dadas ao czar ortodoxo do universo, porque em Bizâncio estavam destruídas a fé e o império. A imaginação trabalhava para o fortalecimento da vontade de poder. O elemento messiânico ortodoxo do monge Filoteu enfraqueceu-se com preocupação da realização do reino da terra. O malogro espiritual da idéia de Moscou enquanto terceira Roma consistiu no fato de que esta se representava como uma manifestação do poder do czar, da força do Estado, e se formou primeiro como Estado de Moscou, depois como império e, finalmente, como a Terceira Internacional. O czar foi considerado o representante de Deus na Terra. Ele se preocupava não somente com o interesse do Estado, mas também com a salvação das almas. Nisso insiste, especialmente, Ivan, o Terrível. Os concílios eram convocados por ordem do soberano. Impressionam a fraqueza e o servilismo do concílio de 1572. A vontade do czar era lei para todo o clero nas questões eclesiásticas. O que era de Deus foi dado a César. A igreja esteve submetida ao Estado não somente na época de Pedro, o Grande, mas desde a época da Rússia moscovita. A compreensão do cristianismo era escravista. É difícil imaginar maior perversão do cristianismo do que o asqueroso *domostroi*. Ivan Aksákov até se recusava a admitir que o caráter russo pudesse haver gerado uma moral tão baixa como a do *domostroi*. A ideologia de Moscou como a terceira Roma estimulou o fortalecimento do poder do Estado moscovita, da autocracia do czar, e não o florescimento da igreja e o crescimento da vida espiritual. A vocação cristã do povo russo foi, assim, deturpada. Entretanto, o mesmo acontecera à primeira e à segunda Roma, que pouco realizaram o cristianismo na vida. A Rússia moscovita caminhou então para uma cisão, que se tornou inevitável pelo baixo nível da ilustração na época. O Estado moscovita era totalitário, tanto pelo seu fundamento como pelo seu estilo. Era uma teocracia com predominância do Estado sobre a igreja. E, ao mesmo tempo, nesse Estado totalitário não havia integridade: ele estava predisposto a diferentes cisões.

A cisma do século XVII teve para toda a história russa importância bem maior do que se costuma pensar. Os *raskólniki* constituem um profundo traço do nosso

caráter popular. Para os conservadores ligados ao passado, o século XVII representa um século orgânico da história russa, que eles desejariam seguir. Esse foi um pecado dos eslavófilos, mas isso é uma ilusão histórica. Na realidade, aquele foi o século da turbulência e do cisma. A época turbulenta que sacudiu toda a vida russa mudou a “psique” popular. Ela quebrou as forças da Rússia. Nela, descobriu-se a profunda inimizade social e o ódio do povo aos boiardos, expresso na sua vontade de liberdade. A vida dos cossacos foi um fermento extraordinário na história russa e revela ao máximo a polaridade, a contradição do caráter popular russo. Por um lado, o povo ajudava humildemente na formação do Estado despótico e autocrático. Por outro, fugia dele para as terras livres e revoltava-se contra ele. Stienka Rázin é um tipo característico russo, representante dos pobres “cossacos bárbaros”. Na época turbulenta já existia o fenômeno, parecido com o fenômeno do século XX, ou seja, com a época da revolução. A colonização da Rússia realizou-se pelos cossacos livres. Iermak presenteou o Estado russo com a Sibéria, mas, ao mesmo tempo, o território dos cossacos, no qual havia várias camadas, representava um elemento anárquico na história russa, em contraposição ao absolutismo e ao despotismo estatais. Ele mostrou que podia existir saída do Estado, que se tornava insuportável, para os territórios livres. No século XIX, a *intelligentsia* saiu do Estado por uma maneira diferente e em outras condições, mas também foi à procura da liberdade. Shápov pensa que Stienka Rázin foi gerado pelo cisma. Da mesma maneira, na vida religiosa, muitas seitas e heresias foram verdadeiros meios de fuga da igreja oficial, na qual havia a mesma opressão do Estado, enquanto a vida espiritual esmorecia. Nas seitas e heresias, havia um elemento de verdade, em contraposição à mentira da igreja estatal. A mesma verdade estava na fuga de Tolstói. Mas maior importância teve o nosso cisma eclesiástico. A partir dele, começa a duplicação profunda na vida e história russas, que duraria até à revolução russa. E muito da sua explicação está aqui. É a crise da idéia messiânica russa.

É errado pensar, como freqüentemente se afirmara, que o cisma religioso do século XVII aconteceu por causa de pequenas questões de ritual, da monofonia e da polifonia, da perseguição com dois dedos, etc. Indiscutivelmente, um papel não pouco importante no nosso cisma foi desempenhado pelo baixo nível de cultura, pelo obscurantismo russo. A ritualística ocupou um lugar de proeminência bem maior na vida russa de modo que a religiosidade ortodoxa formou-se historicamente como um tipo de devoção exterior. Considerando o baixo nível de educação das pessoas, isso levou ao endeusamento de formas ritualísticas provisórias e historicamente relativas. Maksim, o grego que esteve próximo a Nil de Sorski, desmascarou a ritualística

obscura e foi vítima disso. A sua situação era trágica na obscura sociedade russa. Na Rússia moscovita, existia um verdadeiro temor da ilustração. A ciência era suspeita de latinidade. Moscou não foi um centro da ilustração – o centro ficara em Kíev. Os *raskólniki* eram até mais ilustrados do que os ortodoxos. O patriarca Níkon não sabia que as cerimônias da igreja russa eram da Grécia Antiga e que já haviam mudado até entre os gregos. O principal herói do cisma, o *protopop* Avvacum, apesar de alguns conhecimentos teológicos, era, com certeza, um obscurantista. E, ao mesmo tempo, foi um grande escritor russo da época anterior à de Pedro. A ritualística obscurantista era um dos pólos da religiosidade russa, mas, em outro pólo, havia a busca da verdade de Deus, a peregrinação, a tendência escatológica. No cisma, manifestaram-se tanto um quanto o outro. O tema do cisma era o tema da sabedoria histórica, relacionada com a vocação messiânica russa e com o tema do reinado. A dúvida de que o Estado russo, a terceira Roma, era um Estado verdadeiramente ortodoxo fundamentou-se no cisma. Os *raskólniki* sentiram-se traídos pela igreja e pelo Estado e deixaram de crer na santidade do poder hierárquico do Estado russo. A consciência de que este não fora jamais abençoado por Deus foi o motivo principal do cisma. Os *raskólniki* passaram a viver no passado e no futuro, mas não no presente. Eles se inspiraram em uma utopia sócio-apocalíptica. Daqui nasce, nos limites do cisma, a *nétovchina* – fenômeno absolutamente russo. O cisma era uma saída da História, porque o príncipe desse mundo, o anticristo, apoderara-se dela, chegando ao vértice do Estado e da igreja. O reino ortodoxo vai para baixo da terra. O reino verdadeiro é a cidade de Kítej, que se encontra no fundo de um lago. A ala esquerda do cisma, a mais interessante, adquire forte sentido apocalíptico. Disso decorre a busca intensa do reino da verdade, que é contraposto ao reino atual. Assim foi com o povo e assim seria com a *intelligentsia* revolucionária russa do século XIX, também cismática e também convicta de que forças malignas tomaram a igreja e o Estado e que também visava a cidade de Kítej, mas também o seria por uma outra consciência, já que a *nétovshina* se espalhou nas próprias bases da vida religiosa. Os *raskólniki* proclamaram a ruína do Estado ortodoxo moscovita e o início do Estado do anticristo. Avvacum vê no czar Aleksiéi Mikháilovitch um servo do anticristo. Ao dizer: “eu sou russo, mas a minha fé é grega”, Níkon desferiu um terrível golpe na idéia de Moscou como terceira Roma. A fé grega não representava a fé ortodoxa, apenas a fé russa era ortodoxa, a verdadeira fé. A verdadeira fé estava ligada ao verdadeiro reino. O verdadeiro reino deveria ser o russo, mas esse verdadeiro reino não mais existia na superfície da terra. A partir de 1666, iniciou-se na Rússia o reino do anticristo. O verdadeiro reino deveria então ser procurado sob a terra; no tempo,

o futuro deveria ser procurado com visão apocalíptica. O cisma incutiu no povo russo a espera do anticristo, e ele verá o aparecimento do anticristo em Pedro, o Grande, em Napoleão e em muitas outras figuras. Ergueram-se ermidas nas florestas. Fugia-se do Estado do anticristo para as florestas, montanhas e desertos. Os *streltsy* eram os *raskólniki*. Ao mesmo tempo, os *raskólniki* revelaram grande capacidade para a organização em geral e para a autonomia administrativa. O povo exigia liberdade do *ziémstvo*, e este começou a desenvolver-se fora das *atividades* estatais. Essa contradição da sociedade, tão característica do nosso século XIX, é pouco compreendida pelos ocidentais. Também é muito característico do povo russo o aparecimento de autoproclamados czares do povo e de profetas-salvadores. A autoproclamação é um fenômeno puramente russo. Pugatchóv pôde alcançar êxito apenas chamando a si próprio de Pedro III. O *protopop* Avvacum acreditava na sua predestinação e na posse de uma especial bem-aventurança do Espírito Santo, considerava-se santo e foi curandeiro. Ele dizia: "O céu é meu e a terra é minha, o mundo é meu, e todas as criaturas foram-me dadas por Deus". As torturas e suplícios que Avvacum suportou ultrapassavam as forças humanas. O cisma minou as forças da igreja russa, diminuiu a autoridade da hierarquia e tornou possível e compreensível a reforma religiosa de Pedro. Entretanto, no cisma houve dois elementos: o religioso e o revolucionário. A significação da ala esquerda do cisma, *bespopóvstvo*, é que tornou o pensamento russo livre e atrevido, desligado e voltado para o fim. E descobriu-se uma extraordinária qualidade do povo russo: a capacidade de resistência ao sofrimento, a inclinação para o mundo do além e para o fim escatológico.

*Abstract:* The author analyze the basic problems in the beginning of the formation of Russian mentality on the boudoir of two civilizations: the Western and the Eastern.

*Keywords:* Russian national type, West-East, Russian History.

*Tradução:* José Veríssimo Mata, Elena Vássina

*Revisão:* Noé Silva\*

\* A Profa. Dra. Elena Vássina e o Prof. Dr. Noé Silva são docentes do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP. José Veríssimo Mata é mestre em Filosofia pela FFLCH-USP.